



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DHAIANNY ALVES DE ARAÚJO GOMES LUCENA

A INFORMALIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS DA  
FEIRA DA PRATA-CAMPINA GRANDE-PB

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

DHAIANNY ALVES DE ARAÚJO GOMES LUCENA

A INFORMALIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS DA  
FEIRA DA PRATA-CAMPINA GRANDE-PB

Artigo apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

**Orientador:** Professor Mestre Agnaldo Barbosa dos Santos

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L935i Lucena, Dhaianny Alves de Araújo Gomes.

A informalidade e as transformações espaciais da Feira da Prata - Campina Grande PB [manuscrito] / Dhaianny Alves de Araujo Gomes Lucena. - 2014.

36 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Agnaldo Barbosa dos Santos, Departamento de Geografia".

1. Feira livre. 2. Espaço geográfico. 3. Comércio informal. I. Título.

21. ed. CDD 381.18

DHAIANNY ALVES DE ARAÚJO GOMES LUCENA

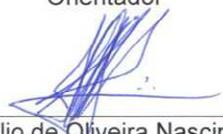
A INFORMALIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS NA  
FEIRA DA PRATA-CAMPINA GRANDE-PB.

Artigo apresentado ao curso de Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em: 27 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos (DG)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campos I  
Orientador

  
Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento (DG)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB- Campus I  
Examinador

  
Prof. Esp. Daniel Campos Martins (DG)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB- Campus I

## RESUMO

LUCENA, Dhaianny Alves de Araújo Gomes. A INFORMALIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS- NA FEIRA DA PRATA, EM CAMPINA GRANDE-PB. Artigo (Graduação – Curso de Licenciatura plena em Geografia, CEDUC – UEPB). Campina Grande-PB, 2014

A feira livre é um dos fenômenos políticos, econômicos, sociais e culturais mais antigos do mundo. A Feira livre da Prata se desenvolveu no bairro do mesmo nome acerca de 60, em Campina Grande-PB. Este trabalho tem como objeto de estudo a informalidade e as transformações espaciais na Feira da Prata. A pesquisa, ora desenvolvida realizou a coleta de materiais, através do contato com, moradores, consumidores e trabalhadores “feirantes” informais que responderam a um questionário, no qual foi necessário estabelecer um recorte dentro dos limites da feira e adjacências. Esta coleta subsidiou a análise que explicitou o processo de mudanças espaciais e estruturais ocorridas na Feira da Prata, dessa forma especifica a dualidade formada após a reforma, evidenciando as principais características que favoreceram essas mudanças compreendendo a nova organização espacial e a informalidade refletida na mudança, que ao longo do tempo seguiu o padrão tradicional de feira livre, com a reforma é perceptível a perda de algumas práticas culturais, sofreu e sofre transformações espaciais e a reprodução do seu espaço está diretamente ligada a sua especificidade e a informalidade. Pode-se observar uma nova caracterização estrutural na sua organização comercial. Para construção da pesquisa é necessário o uso teórico metodológico, analisar a natureza socioeconômica e cultural dos trabalhadores informais da Feira da Prata, evidenciar o valor sócio cultural dessa trajetória nesse mercado informal, e investigar materiais empíricos e históricos inseridos nesse espaço urbano comercial para entender o funcionamento da feira na atualidade.

**Palavras-chave:** Feira livre, Espaço, Informalidade.

## ABSTRACT

LUCENA, Dhaianny Alves de Araújo Gomes. Informality is TRANSFORMATIONS ESPACIAIS- Campina Grande, Paraíba. Article (Undergraduate - Bachelor of Arts in Geography full, CEDUC - UEPB). Campina Grande PB, 2014

The free fair is one of the oldest economic and social phenomena, there about 60 years Feira da Prata has developed in the neighborhood that calls itself, Silver in Campina Grande-PB, for years followed the traditional pattern of street fair, with more renovation that was completed in 2009 much of that culture has been lost, it is noticeable that the fair Plate suffered and suffers spatial transformations and

playback of your space is directly linked to their specificities and informality. At present we observe a new structural characterization, new features and new commercial organization. Thus this research aims to analyze the spatial and structural changes in the fair, specifying the duality formed after the reform, emphasizing the main characteristics that favored these changes and understanding the new spatial organization and reflected in the change informality. For construction of the research is necessary to use the theoretical, methodological, applied field research, historical questions to understand the functioning of the fair today, bibliographic research, formulation of quantitative and qualitative techniques and finally the boundary of space.

**Keywords:** Free Exhibition, Space, Informality.

## 1 INTRODUÇÃO

A feira livre através dos tempos passou por mudanças significativas. Nesta pesquisa, contextualiza-se a Feira da Prata como formas de representações de materiais de acontecimentos passados e presentes que integram o lugar construído e praticado, compondo, de modo marcante, a paisagem do espaço urbanístico público do bairro da Prata, na cidade de Campina Grande-PB. O presente trabalho tem como objeto de estudo analisar a informalidade e as transformações espaciais na Feira da Prata, no que foi necessário delimitar a área, focalizando as particularidades das relações entre o comércio e a sociedade campinense.

A Feira da Prata incorporou-se ao cotidiano da vida da cidade e desde então é fundamental para o comércio do município, é considerada pela população do bairro e das demais localidades como meio acessível de adquirir gêneros alimentícios entre outras mercadorias. A descrição dela como um espaço reproduzido pela sociedade campinense, que sofreu e sofre constantes transformações, através das forças de produção socioeconômica, provocou mudanças estruturais, a qual seguiu a dinâmica de novos elementos impostos pela internacionalização, e que o seu microterritório comporta a conjuntura de duas feiras nos dias atuais. Desde sua origem ela vem adquirindo características próprias que a diferenciam e ao mesmo tempo a evidenciam com as demais feiras de Campina.

A investigação buscou acobertar a construção teórica bibliográfica, realizou coletas de materiais, através do contato com moradores, consumidores e trabalhadores “feirantes” informais, que responderam a um questionário, um registro fotográfico, a pesquisa relacionada à Feira da Prata elenca inúmeras modificações no próprio lugar, que esclarecem a real necessidade de se construir uma ressalva científica que caracterizam e justificam os procedimentos metodológicos.

A partir desta compreensão surgem perguntas que norteiam os passos da pesquisa, tais como: A reforma da Feira da Prata trouxe consequências positivas e negativas sendo ela direcionada aos feirantes? A mudança no cenário da Feira

da Prata que passou e passa por um processo transformador, sem perder as características informais presentes em parte do seu espaço? Novos elementos foram inseridos após a reforma entre eles a modernidade na estrutura e nas relações entre comerciantes e consumidores?

Em torno das perguntas desata-se o objetivo geral, Analisar as mudanças espaciais e estruturais ocorridas na Feira da Prata, em Campina Grande e objetivos específicos, tais como: descrever a dualidade entre os agentes formados a partir da reforma da Feira da Prata; discutir a nova caracterização da Feira da Prata, em relação aos elementos quantitativos e as questões qualitativas; evidenciar os reflexos positivos através da redefinição do espaço; caracterizar a informalidade encontrada na divisão da Feira da Prata.

A pesquisa se divide em partes: na primeira, trata o espaço como categoria de análise dando ênfase a questão urbana em Campina Grande-PB, na segunda, uma abordagem sobre a Feira da Prata, sua História, funções, formas e finalidades, na terceira, analisar a informalidade e as transformações espaciais na Feira da Prata, em Campina Grande/PB. E por fim, os aspectos finais, onde apresenta-se as conclusões relacionadas às pesquisas que foram realizadas.

## **2 O ESPAÇO E SUAS DIMENSÕES COMO CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: o espaço urbano de Campina Grande/PB.**

O presente estudo se refere a fundamentação teórico-metodológico do espaço produzido e suas dimensões de análises. A analogia da ciência geográfica e suas categorias do interesse pelo espaço, sua formação, o que produz às características, as relações pessoais e interpessoais, a dinâmica, o contexto histórico e geográfico entre outras interligações. Na medida em que se discuti a realidade das relações formadas através de uma nova formação de espaço, território e lugar, o percurso teórico a ser esboçado levava a elaboração de um conceito. Santos (1988 p 10) enfatiza que:

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.

Nessa linha de raciocínio pode-se compreender a importância que evidencia o espaço para introdução das demais categorias. Analisar como se tem dado a formação do território, lugar e a organização espacial de Campina Grande-PB, em uma perspectiva conceitual, onde a construção social por sua vez é inseparável da sua territorialidade, sabe-se que a paisagem urbana tem sido alterada em função da delimitação dos territórios originando uma apropriação do espaço, partindo desse pressuposto, ainda Santos (2006, p.86) enfatiza que: “[...] o espaço como um todo reúne todas essas formas locais de funcionalização e objetivação da totalidade”.

As formas sociais resultam de forma direta quanto à atuação dos sujeitos que se ocupam e modelam um determinado espaço físico ou social, fica claro o resultado de que o homem constrói, reconstrói, altera e molda um espaço de acordo com suas necessidades ou com os seus interesses. Assim, pode-se perceber o caso dos trabalhadores que atuam no microlugar da Feira da Prata transformando no dia-a-dia, ao instalarem seus bancos, barracas e carros com suas mercadorias para o atendimento aos consumidores.

Como fora percebido o espaço é social, entretanto, enfatiza-se que o espaço preexiste independente dos fatores, da sociedade, o “espaço social” será influenciado pelos acontecimentos históricos num determinado lugar. De acordo com Raffestin (1993) o espaço é delimitado e que proporciona a materialização, da mesma forma a objetivação e a visibilidade da organização. Encontrar-se em todos os demais espaços, sendo difícil o seu estudo por saber que ele é a morada do homem, o seu “lugar”, já Santos (2008, p.150) lembra que:

“[...] sua definição é árdua, porque a tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social [...], se os lugares podem esquematicamente permanecer os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que tem autonomia de existência pelas coisas que o formam”.

Esse fato histórico pode-se fazer referencia ao próprio lugar caracterizado

pela exclusividade relacional no agregado social que protege suas práticas culturais em lugares bem específicos como ocorre na Feira Central, em Campina Grande-PB. Nessa perspectiva, entende-se que lugar possa ser concreto ou simbólico, assim não importa a época, ele é resultado de uma construção, é temporal mesmo estabilizando movimentos, apesar de se utilizar dos processos históricos para se definir e conseqüentemente das transformações do espaço, singularmente valoriza as relações em decorrência ao ambiente, está ligado ao espaço, porém é diferente dele.

A história e a cultura são fundamentais para o processo de formação, em conjunto com o cotidiano global, a compreensão da realidade através de lugar. Santos (1991, p.34) enfatiza que: “[...] quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. Partindo desse pressuposto compreende-se que a experiência, e a vivência específica estão interligadas ao global sem desconsiderar a particularidade, em outras palavras à localidade.

O espaço permanecer o mesmo, no entanto, as situações seriam diferentes e essa importância poderá mudar a história e lhe atribuir novas funções. Essas características de multidimensionalidade e pluralidade do espaço oscilam e podem constituir, dessa forma, inúmeras configurações sociais e territoriais. Portanto, discutindo a diversidade indenícia sobre espaço e lugar, permeia a realidade do território urbano, Raffestin (1993, p.144) afirma que:

[...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que o envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço, já é uma apropriação [...]

Deste modo, o autor especifica a ligação das categorias, essa apropriação se dá simplesmente numa forma de manifestação, de reprodução, onde o homem através de suas necessidades modifica o meio em que vive. Não foi diferente com a construção territorial de Campina Grande, que se formou através de um equilíbrio, isto é, uma constituição relacional entre objetos e coisas espacialmente distribuídas, essa produção ocorre desde sua origem até os dias atuais formando uma organização, Corrêa (2007, p 54) suscita essa forma organizacional ligada à categoria espacial: “É conveniente esclarecer que a

expressão organização espacial possui, a nosso ver, vários sinônimos [...]”.

Partindo desse pressuposto o território é definido como o espaço de um reconhecimento, onde os indivíduos se declaram como parte de alguma coisa. Pode-se considerar que o espaço seria um conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer fato, empregado no sentido de área. No entanto, um dos objetos distintos da ciência geográfica, é o próprio espaço, porém, no que se refere a partir de uma análise dessa categoria de apropriações espacial que permite a edificação e a permanência através das práticas de produção de grupos ou agregado sociais diverso para entender a sociedade. Raffestin (1993, p.144) sobre território explicita que:

“[...] é no território que se estabelecem as relações de poder, ou seja, o território é suporte e produto das ações dos atores sociais, que se apropriam do espaço e produzem sistemas sêmicos [...]”, cujos limites são os do território. “Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados [...]”.

Nesse campo de interligações a configuração comercial da Feira da Prata reflexa o comercio em geral da cidade de Campina Grande, principalmente do mercado Central ou como popularmente é conhecido a Feira Central, trazendo a tona a concepção de lugar público, e aparente, que se assemelham embora sejam diferentes, uma unidade ligada a outras unidades. O espaço, o território e lugar são construídos de acordo com experiências, personalidades, envolvimento e traços típicosl, refere-se à algo intrínseco, insubstituível.

## **2.1 A questão territorial urbana de Campina Grande-PB.**

O processo histórico, econômico e urbano auxilia na compreensão da configuração espacial do município de Campina Grande, sua localização estratégica favoreceu o surgimento do comercio e a sua urbanização, cada parte da sua formação, desde o local para descanso dos tropeiros até as fases atuais

de urbanização, à questão territorial urbana contou com as diferentes escalas temporais e espaciais, observa-se como determinante foi a constante relação de espaço e território. Nessa perspectiva sobre formação do espaço territorial e poder, Souza (1995, p. 81) considera que:

“[...] ele [o território] não precisa e nem deve ser reduzido a territorial é construída de forma isolada e ao mesmo tempo é acompanhada de uma series de acontecimentos temporais e atemporais, [...], em sua essa escala nacional e à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., [...] países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos e (desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. Não obstante essa riqueza de situações, não apenas o senso comum, mas também a maior parte da literatura científica, tradicionalmente restringiu o território à sua forma mais grandiloquente e carregada de carga ideológica: o “território nacional”.

O espaço territorial potencializa fenômenos em uma ordem espacial, que resultarão na organização do espaço, embora não se perceba todas as dimensões dessa realidade, pois de forma essencial e conjunta possui a interligação do natural, político, econômico e social, ou seja, as relações do homem com o meio e o desenvolvimento dos gêneros de vida. Natureza e sociedade uma totalidade dinâmica formam os modos de viver o espaço praticado, revelando-o seus diferentes territórios, em suas distintas formações socioeconômica e cultural.

A esse respeito Corrêa (2007, p 55) esclarece que: “A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução)”. Percebe-se que a formação do espaço é produto da ação humana e, em Campina Grande o dinamismo comercial foi de extrema importância para determinar sua evolução urbana, que resultou em um comercio central de grande relevância para o sustento da cidade, uma feira central cheia de tradicionalismo cultural, os diversos mercados informais que estão por toda parte da cidade, e o objeto de estudo a Feira da Prata.



localização foi favorável ao seu crescimento de acordo com o mapa.

O espaço para o domínio geográfico é a totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá existência, pois é algo construído em um procedimento de mudança, podendo ser considerado um mosaico de elementos de diferentes épocas. O espaço é uma instância da sociedade, formado a partir do seu modelo de produção, na qual a sociedade provoca as interrelações construídas no espaço-temporal social adquirida historicamente. Essas interrelações seriam estruturais, culturais e institucionais, nessas instâncias haverá outras a ser considerada, uma dependendo da outra, como a econômica, inseridas no próprio contexto.

De acordo com alguns autores a origem da cidade de Campina Grande, estar relacionada ao capitão mor dos Sertões, Teodósio Oliveira Ledo como sendo o seu fundador, foi quem trouxe do Sertão os índios Ariás ou Uriás, fixando num local, em 1697, em que edificaram casebres de taipa incorporando a primeira forma de urbanização, todos na rua que hoje é conhecida como: Vila Nova da rainha (ALMEIDA, 1978) apud MEDEIROS (2012).

No que se refere a contextualização histórica de Campina Grande, no seu entorno a política urbana, oferece uma nova estruturação urbanística levando em consideração espaços que necessitavam ser urbanizados. Alguns estudiosos utilizam o termo desterritorialização, para acontecimentos como esse, no entanto, é mesmo que classificar territórios marginalizados, que deixaram de existir, que desaparecem ou, quando de fato houve uma reconstrução dos mesmos, conforme mudanças ocorridas.

### **3.0 BAIRRO DA PRATA E SUA HISTÓRIA: a contextualização da Feira da Prata.**

O Bairro da Prata que se localiza na zona oeste da cidade de Campina Grande-PB, possuindo uma área de 0,77 km<sup>2</sup>, população total de 3.573 hab e densidade demográfica de 561,00 hab/km<sup>2</sup>, (IBGE,2010). Seus bairros vizinhos são: Palmeira e Monte Santo ao norte, São José ao sul, Centro a leste, e Bela Vista a oeste. O Bairro da Prata foi aprovado em 1953 pela Secretária de Viação e Obras Públicas, o que indica que nesse ano o loteamento de terra passou a ser considerado como mais um bairro de Campina Grande, onde se encontra a Feira da Prata, a figura seguir mostra o bairro na década de 60, já urbanizado.

**Figura 02: Imagem aerea do Bairro da Prata em 1960**



Fonte: <http://www.cgretalhos.blogspot.com> – acesso: 21-10-2014.

Mesmo quando era um simples loteamento de terra o Bairro tinha um futuro promissor no desenvolvimento urbano da cidade, sua localidade foi atrativa a seu povoamento, a imagem a seguir mostra a Escola Dr. Elpidio de Almeida popularmente conhecido como Estadual da Prata em seu entorno uma área, que mostra o bairro no inicio estrutural de sua urbanização, no que se pode observar, então, é a confirmação das práticas sociais de processos culturais básicos no bairro atual.

**Figura 03: Escola Estadual Dr. Elpidio de Almeida-Estadual da Prata - 1953**



**Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> - acesso: 21-10-2014.**

Para se compreender o surgimento da Feira da Prata foi preciso analisar a historicidade do bairro. Entretanto, é preciso ressaltar que as feiras na sua fase inicial (antiguidade) constituíram grande importância, não apenas pelo comércio local que resulta no surgimento de algumas cidades. As relações entre as pessoas contemporâneas e a sociedade, isto é, suas formas culturais, as práticas de produção e as mudanças sociais compõem uma nova maneira de organização do espaço. A feira é um lugar de sociabilidade, que vai além de um exercício comercial de compra e venda, é nesses lugares que grupos sociais trabalham, consomem e vivenciam cotidianamente novas construções.

Nesse contexto histórico, na formação das cidades as feiras são responsáveis pelo surgimento de alguns povoados, onde pessoas se reuniam, em geral, pequenos agricultores que vendiam os produtos por eles cultivados e comerciantes comercializavam e trocavam mercadorias. Nesta perspectiva, Campina Grande foi centralizadora em relação a questão comercial, as feiras de

gado e o comércio introduzido pelos “Trapeiros” foram favoráveis a uma intensa movimentação e a intensidade vivida na cidade. Mombeig (1957, p. 207-208) esclarece que:

Campina Grande, situada à margem dum velho caminho colonial que vai dar na estrada real, é o tipo da cidade-mercado (34.343 habitantes). O sertanejo leva para lá mandioca, algodão, carne, cordas; o homem do brejo vende milho, frutas, cana, aguardente, madeira e mesmo essa coisa rara no sertão: móveis. [...]. Não é mais somente um mercado local, mas um centro regional em contato direto com a capital do nordeste, Recife.

Nesse âmbito perceptível, a história rural/urbana da cidade campinense, coincide com as realidades vivenciadas pelos habitantes do município e das localidades circunvizinhas, que semanalmente se organizavam para vender os mais variados produtos e o resultado deste comércio constante foi a Feira Central, que aos poucos foi evoluindo originando um comércio, onde se pode encontrar uma divisão de territorialidades num mesmo espaço. A Feira traz uma nova estrutura de produção do espaço urbano à cidade e surge também um novo ritmo de mercado, o qual, inspirou o surgimento, estruturação e funcionamento da Feira da Prata.

As diversas maneiras de uso e apropriação do espaço podem ser percebidas através das atividades desenvolvidas por pessoas que escolhem a forma de produzir. Com o Bairro da Prata não foi diferente, viável a instalação de um pequeno comércio, em um terreno baldio, com os mais variados produtos hortifrutigranjeiros, e objetos para troca, a princípio o movimento era mínimo, depois se intensificou e os moradores que anteriormente deslocavam-se de suas casas para o mercado central, passaram a realizar suas compras na feira do bairro, principalmente aos domingos que era o dia de maior movimento. Muitos dos feirantes que comercializavam e comercializam na Prata, também possui um comércio na Feira Central. Conforme Santos (1988, p.10) enfatiza que:

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento”.

A Feira da Prata disponibiliza um espaço conhecido como: “feira de troca”, onde se comercializava e ainda comercializa produtos em menor escala, como se troca e vende, eletroeletrônicos, relógios, materiais de construção, bicicletas, peças automobilísticas, entre outros, hoje só aos domingos, a demanda não é grande e já não ocupa as ruas laterais da feira como ocorria antes da reforma. A feira como todas, é o reflexo de um espaço temporal que adquiriu nova roupagem depois da reforma. É basicamente a formação do circuito econômico, Santos (2008, p.43) afirmar que:

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que tendo as mesmas necessidades não tem condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços.

As cidades nascem como uma semente de liberdade gera produções históricas e sociais que contribuíram para o afloramento das feiras. Porém, é um tipo de comercio informal, que através do tempo adquiriu nova tendência, e ao mesmo tempo consolidou a performance da informalidade. Na Feira da Prata, citada anterior, a popular “feira de troca” como uma alternativa para suprir a carência social. Onde se pode observar na feira um espaço que sofreu transformações, que de modo geral, desenvolveu um processo de crescimento impulsionado e interligado com os parâmetros das atividades econômicas e sociais, local e regional, nessa concepção, ainda Santos (1988, p. 12) ressalta que:

Atualmente, com a internacionalização das técnicas, da produção e do produto, do capital e do trabalho, dos gastos e do consumo, a mundialização das relações sociais de todos os tipos (econômica, financeira, política.) é a garantia de universalidade que permite compreender cada fração do espaço mundial em função do espaço global.

Neste espaço de produção do capital e das práticas de produção do trabalho como elementos transformadores temporal do espaço, são fundamentais, em relação a organização espacial mundial, pela integração das novas

modalidades de relações de poder de dominação local e global. Em Campina Grande, na Feira da Prata, numa pequena escala não foi diferente, ela possui um domínio local, circunvizinho e externo, tem um caráter popular uma dimensão estética e a conhecida “bagunça”, ou seja, mercadorias no chão sem proteção no sol, enroladas em lonas plásticas, entre outras formas de se armazenar o produto, vista como de costume, as figuras a seguir destacam a desorganização da feira antes da reforma.

**Figura 04 e 05: Feira da Prata antes da reforma – 2001**



Fonte: VIEIRA, Mariana Dias. /[www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br) Acesso: 21-10-2014

Portanto, pode-se perceber a associação típica tradicional na figura acima sem critério de distribuição e desorganizada e sem qualquer divisão dos produtos. Após a reforma, a feira passa a ser organizada de forma diferente, o informal se moderniza sob uma estrutura metálica e de concreto, onde as barracas são postas lado a lado, com a mudança surge uma nova paisagem urbana pública, como mostra a figura a seguir.

**Figura 06: Feira da Prata após reforma-2009**



Fonte: <http://rainha-da-borborema.blogspot.com.br/2012/12/a-feira-da-prata.html> - Acesso: 21-10-2014

A reprodução do espaço da Feira da Prata está diretamente vinculada a expansão e concentração espacial, utilizando assim como as demais atividades comerciais o acúmulo de capital e outros efeitos que somados a economia reproduzem a ampliação da organização espacial, pois a concentração de muitas atividades tendem a expandir-se. A atividade empresarial da Feira em maior parte está ligada a família, pequenos agricultores, ou feirantes tradicionais ligados à agricultura, e comerciantes em menor escala, a mudança é um reflexo do tempo conciliada a modernidade.

#### **4. ESPACIALIDADE E FUNÇÕES ATUAIS DA FEIRA DA PRATA, EM CAMPINA GRANDE-PB.**

A espacialidade é um conjunto de relações sociais geografizadas, é o momento do encontro da sociedade sobre um determinado arranjo espacial, num dado tempo, porque depende do espaço, é o resultado do movimento da

sociedade. A Feira da Prata, em Campina Grande-PB, apresenta na sua estrutura urbana um conjunto de condições históricas passadas e atuais, o que permite a seletividade da sua espacialização. A sua composição estrutural está condicionada as práticas de produção sociocultural, que determina um conjunto de valores contribuintes na formação do espaço atual da Feira.

Portanto, o espaço da Feira da Prata é um lugar praticado, onde são comercializados diversos produtos como frutas, legumes, verduras entre outros, oferece uma rica fonte de informações específicas, sobre o comportamento dos consumidores, feirantes e comerciantes sobre as condições econômicas de cada um deles. O espaço da feira é um vasto campo de conhecimento e aprendizagem, nela podem-se encontrar elementos informais e modernos que criam um conjunto de especificidades de matérias.

Nos dias atuais as feiras em geral têm uma grande variedade de produtos, é sem dúvidas, a maior e mais completa representação comercial, a Feira da Prata não é desigual, sua nova estrutura física facilitou ainda mais o seu desenvolvimento e a sua valorização. A informalidade não deixou de existir, pelo contrário, o ponto comercial ainda é baseado na hereditária (familiar), poucos são os comerciantes com índices de modernização, a maioria continua sendo o popular feirante ligado à agricultura e a produção rural.

Sua localização geográfica é favorável para o comércio, situa-se na Zona Oeste de Campina Grande, vizinho ao centro da cidade, está entre as coordenadas, 7° 21' 81" S e -35° 89' 71" W, devido ao intenso comércio e grande visibilidade foi realizada a reforma, que transformou a feira em um mercado diferenciado adquirindo particularidades do circuito superior, porém sem perder as características informais.

**Figura 07: Mapa atual da feira da Prata – 2014**



**Escala 1:5. 000**

**Fonte: IBGE. Anuário estatístico 2012. Composição: LUCENA, Dhaianny Araújo-2014**

As mudanças ocorridas no espaço da Feira da Prata estão evidentemente ligadas à história do bairro. Tudo isso tem efeito direto sobre a transformação pela qual o bairro passa, o mapa demonstra a feira em condição atual, próxima a hospitais, escolas, igrejas. É um núcleo de intensa movimentação residencial e comercial. A Feira da Prata é considerada uma feira tradicional do município de Campina Grande, com mais de 60 anos de funcionamento.

#### **4.1 Caracterizações investigativas sobre: moradores, consumidores e feirantes.**

Em um processo investigativo procura-se compreender a visão dos moradores, consumidores e feirantes sobre a Feira da Prata, o que representou, representa e sua funcionalidade antes e após a reforma, os fatores culturais desempenham a mais ampla e profunda influência sobre os comportamentos como exposto na entrevista da moradora do Bairro e frequentadora assídua da feira, residente da Rua José de Alencar, a aposentada Ercides Alves de Araújo, que diz:

Sou natural de Serra Verde-PB, e há 60 anos moro em Campina Grande-PB, 53 anos que moro no bairro da Prata, a feira já existia quando cheguei, não como é nos dias de hoje, tinha uma plantação de macaxeira e tinha um matagal ao redor, não tinha tanto movimento, apenas as pessoas do bairro que compravam, poucos eram os feirantes que vendiam suas mercadorias lá, aos poucos foram capinando e o movimento foi crescendo. Fui feirante da Feira Central, mais aos domingos frequentava a Feira Prata que era próxima a minha casa, comprava frutas e verduras (sempre de qualidade), e o meu menino (filho de 65 anos) na época ficava na feira de trocas, comprando e trocando bugigangas (15-10-2014).

A aposentada descreveu toda sua vida pessoal e fala das mudanças de cidade e do bairro, e também da tradicional da feira livre da Prata, que já existia, sua paixão pelo comércio, as modificações urbanas e estruturais da feira, a evolução e a importância que a reforma trouxe em todos os aspectos. Como feirante pode vivenciar de perto o padrão de venda, consumo, compreender a interação entre ambiente físico e social, e também aprender a conviver com a modernização, e ainda enfatiza:

A feira mudou muito, está bem melhor, mais bonita, antes era desorganizada, hoje andamos tranquilamente, sem lama nos pés em dias de chuva, tudo limpinho, outra cara. O atendimento é o mesmo de sempre, o do meu tempo, e todos se sentem bem com o novo ambiente. As mercadorias são de qualidade e é bem mais barato comprar na feira do que nos supermercados, sem contar que é mais saudável também (15-10-2014).

Nota-se através da fala da entrevistada que a reforma agradou, proporcionou o novo ambiente sem perder os valores culturais e a informalidade.

Assim como dona Ercides os consumidores apresentam um alto grau de envolvimento em relação ao lugar de compra, são frequentadores assíduos que vão à feira por identificarem-se com ela, é um espaço democrático no sentido de que nessa área encontra-se pessoas de diversas profissões e classes sociais, todos com o objetivo de fazer compras, ou conversar com conhecidas, é um lugar onde raramente vai se encontrar preconceito, não que em outros estabelecimentos as pessoas sejam impedidas de circularem, mas em certos lugares frequentadores apresentam comportamentos diferentes que acabam instituindo uma identidade com características suspeita daquele ambiente.

**Foto 01: Ercides Alves de Araújo, moradora do bairro e frequentadora da Feira da Prata-2014.**



**Fonte: LUCENA, Dhainny Araújo. Pesquisa de Campo- 2014**

Observa-se que a entrevistada conhecedora de uma boa parte da história da Feira e aprovou a reforma, acredita que as melhorias foram necessárias para o bem estar dos feirantes e dos consumidores, apesar de perder a atributo indenitário tradicionalista de feira livre e transformar-se em algo mais moderno e fisicamente mais belo. A dinâmica continua a mesma, a feira supre as

necessidades do bairro da Prata e dos bairros vizinhos, as mudanças foram positivas, a sujeira de antes da reforma incomodava os consumidores e moradores, nos dias atuais, a higiene e outros aspectos melhoraram bastante.

Portando, já a Administradora Andrea Joice Machado Muniz residente também no bairro, tem uma perspectiva diferente sobre feira, nasceu em Campina Grande e sempre morou próximo à feira, frequenta apenas por necessidade, por ser próximo e não por preferência, sua vivencia e percepção foram distintas da entrevistada anterior, por ter outra faixa etária e outra forma de pensar, porém não desconsidera que a feira é atrativa e na opinião dela é um ponto turístico e, afirma que:

Nasci e cresci no Bairro da Prata, tenho 30 anos e ia à feira aos domingos com minha mãe por obrigação, as compras da semana eram feitas lá, o espaço físico não me agradava, o trânsito inconstante de pessoas, o cheiro forte, a sujeira, o barulho dos feirantes, uma muvuca, tudo muito bagunçado, frutas, verduras, feijão e outros produtos nas lonas no chão ou em bancos de madeira, sem contar com a feira de trocas que tomava conta das ruas laterais e assim tínhamos dificuldade de transitar (16/10/2014).

Na fala de Andrea é evidente que a feira não a agradava sua expectativa, pois estrutura era de maneira ordinária, antes da reforma nada chamava a sua atenção para o ambiente, o comportamento de compra influenciado pela prática de um estilo de vida em família, como fatores que indicam quais as são as prioridades como consumidores em um dado momento. Quando criança era desagradável participar das compras da mãe na feira, nos dias atuais a então frequentadora tem outra visão, ainda a administradora afirma que:

Hoje dispomos de algo totalmente diferente e acredito que até em questão de qualidade dos alimentos, outra estrutura, pode-se andar tranquilamente, sem o incomodo do sol forte, tudo é mais calmo. E todos se sentem bem, é um lugar que todos podem frequentar, a reforma foi muito benéfica. Eu como consumidora sinto-me a vontade de ir a um local mais organizado (16/10/2014).

De acordo com a entrevistada o novo é mais atrativo e, a feira como sempre é um local onde as pessoas buscam o convívio social, isso porque como lugar público é acessível a todos e um ambiente em seus modos básicos de organização estruturais públicas, são capazes de se especificar em relação

diferencial de grupos sociais com os diferentes meios e os processos reais, no qual, estão envolvidos. Em geral, a reforma foi positiva para moradores, comerciantes, consumidores e frequentadores da Feira da Prata.

As mudanças no espaço também alteram o social e as ideias se divergem ao favoritismo pela nova Feira da Prata e não é compartilhado por todos, existe um distinto grupo que se desagradou com a transformação físico-estrutural, e asseguram que com a reforma houve mudanças nas práticas de produção socioculturais e que originou um novo comportamento no ambiente, que diminuiu o movimento, ainda se tratando do processo de modernização, porém a ex-comerciante Teresinha Ramos da Silva (16/10/2014), afirma que:

Fui feirante durante 25 anos, comercializava carne na Feira da Prata, e lá tínhamos uma variedade imensa, no que diz respeito a mercadorias; roupas, calçados, louças, comidas variadas (o famoso caldo de mocotó), grãos diversos, panelas, doces, verduras, frutas, legumes. Nada nos faltava, tudo muito simples e pessoas pobres compravam de acordo com o seu orçamento. Na feira de trocas encontrávamos de tudo, desde animais até armamentos.

A fala da entrevistada revela no contexto historiográfico da Feira da Prata a dualidade que antes da reforma não existia, quando se menciona simplicidade, na visão de Dona Teresinha o moderno era desnecessário, a diversidade das coisas como: o grande movimento de circulação de mercadorias, o aglomerado de pessoas e animais, entre outras. Hoje a feira é um lugar com infraestrutura. De fato a estética do ambiente não era importante para alguns consumidores assim como para os feirantes e comerciantes, ainda a ex-comerciante discorre que:

A nova estrutura da feira não me agradou, muita coisa mudou, e por esse motivo vendi meu ponto (Comercio), as vendas diminuíram, o preço das mercadorias aumentou, o fluxo não era o mesmo, pra mim deixou de ser feira e passou a ser algo que jamais conhecemos ou conseguimos identificar. Modernidade demais às vezes atrapalha, o público não é o mesmo e muitos dos feirantes desistiram de comercializar e deixaram as suas barraquinhas para pessoas dispostas a nova realidade. (16/10/2014)

**Foto 02: A ex-comerciante da Feira da Prata - 2014**



**Fonte: LUCENA, Dhaianny Araújo. Pesquisa de Campo-2014**

No entanto essa mudança na Feira da Prata, atualmente ocupa uma nova posição por mais conflitante que foi, entre consumidores, comerciantes e feirantes que se lamentava das estreitas ruas. Hoje cada barraca possui uma estrutura, onde os vendedores podem organizar as mercadorias e, as pessoas têm espaço para transitar. A modernidade delinea o mercado no âmbito mundial exigente por melhorias. Esse processo na Feira da Prata tornou-se quase que obrigatório, segundo Santos (2006, p. 61): “A evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais marca, também, as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfologicamente, quanto do ponto de vista das funções e dos processos”.

Novas relações surgem de acordo com a mudança do espaço, elas são praticamente exigidas não que as práticas socioculturais e o tradicionalismo estejam perdidos, mais é aprimorado. Nos dias atuais o comercio da Feira da Prata persiste, mesmo com todas as modificações e mantem poucas das características anteriores, isso é evidente no depoimento do comerciante Ribeiro Barboza Leal, quando afirmar que:

Comercializo na feira há 34 anos, herdei do meu pai o comercio, e hoje sem dúvida alguma é melhor que no tempo em que meu pai, hoje já aposentado administrava, a organização e limpeza são atrativas e prosperei, meu minimercado tem um movimento consideravelmente bom, tudo melhorou. Tenho plena convicção de que todos acham o mesmo, antes era tudo muito sujo e desorganizado, quando as coisas mudam pra melhor todos ficam satisfeitos, e se o comerciante está satisfeito vai tratar bem a clientela e ela sempre ira voltar. Aqui vendo feijão, arroz, outros grãos, bebidas e coisas diversas, atendo todos os públicos.  
(21/10/2013)

Na fala do senhor Ribeiro Barboza Leal fica clara a satisfação com a nova estrutura da feira, para ele os benefícios são inúmeros, o lugar está mais adequado para receber os clientes, o lucro é maior e, tem até funcionário mesmo que nos parâmetros informais, ou seja, sem carteira assinada. Fica implícito que os consumidores de grupos sociais mais abastados costumam ir à feira, não existem restrições para os frequentadores, é um local onde estão expostos os mais variados estímulos audiovisuais e sociais, é a forma com a feira conquistou a sua identidade própria.

Foto 03: Comércio na Feira da Prata – Box parte externa e interna - 2014



Fonte: LUCENA, Dhaianny Araújo. Pesquisa de Campo-2014

De forma geral, pode-se observar na foto acima que o estabelecimento possui característica moderna e de que cada um proporciona em seu contorno um limite, de tal modo ao oferecer atualmente uma estrutura espacial para os transeuntes, como também um espaço para estacionamento de veículos diferente da antiga organização da estruturação urbanística da antiga feira. Toda essa probabilidade de feira popular não deixou de existir, mas de um comércio organizado que não é o único no local, e de que a maioria dos boxes são próprios, aparelhados e compostos da mesma forma, variando apenas de mercadorias expostas a vendas. O feirante Valderi Marques da Silva, descreve que:

Em 20 anos como feirante nunca tive em uma fase de vendas tão boa como a que estou agora, esse ambiente bonito, cheio de vida, limpo atrai muitos clientes, por isso abro todos os dias a minha barraca. Antes da reforma também tínhamos bastante movimento, mais falo agora de

um lugar valorizado, com segurança, coberto, sem sol. E também não temos mais a feira de troca que em minha opinião era perigosa, tinha muitos objetos de roubo e muitas pessoas sem confiança. Aqui se vende de tudo, aqui ainda é do povo e todos se sentem bem em vim a este local. (21/10/2014).

Entretanto, na fala do feirante Valderi Marques que tem sua própria barraca há 20 anos, a qualidade e valorização do trabalhador informal só foram reconhecidas após a reforma, assim como a limpeza e organização foram os pontos que mais surpreenderam e favoreceram seu comercio, nos dias de movimento, como sempre são mais nos fins de semana, em que ele depende da ajuda da esposa e dos filhos para atender a demanda.

**Foto 04: Lanchonete-Barraca- F. Prata**



Fonte: LUCENA, Dhaianny Araújo.  
Pesquisa de Campo - 2014

**Foto 05: Barracas de frutas-F. Prata**



Fonte: LUCENA, Dhaianny Araújo.  
Pesquisa de Campo – 2014

Dessa forma as presentes mudanças são percebidas nas fotos acima, haja vista que os feirantes são proprietários das barracas e os ambulantes não frequentam mais o lugar, as frutas são bem conservadas e de boa aparência, o feirante faz questão de mostrar a boa qualidade dos alimentos, e descreve que a alteração no espaço deu “novos ares”, o movimento também aumentou. Diante desse contexto, é salutar os melhoramentos que a reforma causou, que agrega diferentes tipos de atividades, além de aumentar os valores do próprio espaço, entre outros.

Nessa perspectiva de mudança Santos (1988, p. 8) enfatiza que: “As novas realidades são ao mesmo tempo causa e consequência de uma multiplicação de possibilidades, potenciais ou concretizadas, cuja multiplicidade de arranjos é fator de complexidade e de diferenciação crescentes”. A estrutura moderna da Feira da Prata é um conjunto de atrativo associados ao tradicionalismo junto a nova prática de produção, que modificam o lugar e introduz novos elementos.

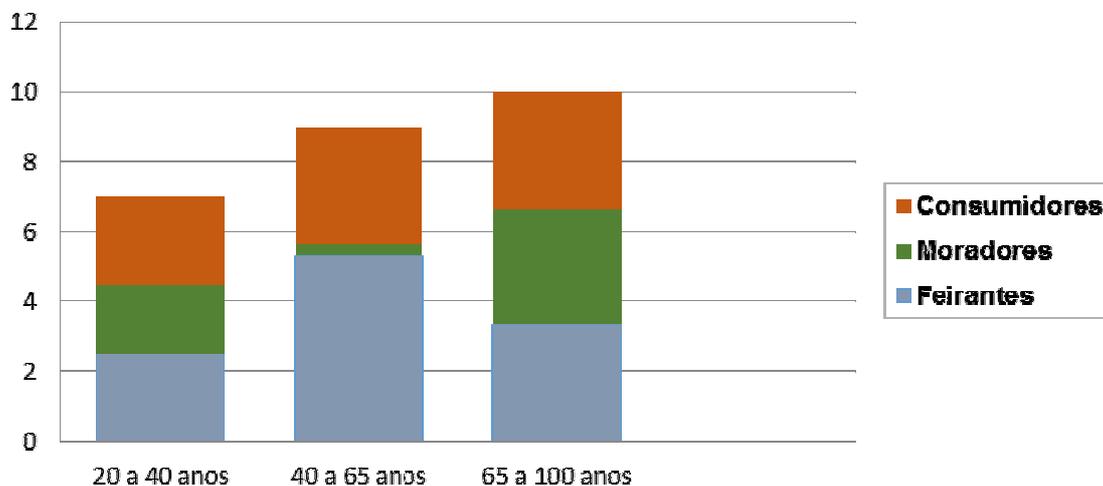
#### **4.2 Relação e indicadores dos entrevistados por ciência das funções do espaço pesquisado e faixa etária conforme gráficos.**

A mostra da coleta de dados da pesquisa se limitou a moradores, feirantes e consumidores, a área de análise, ruas próximas a Feira da Prata e o próprio espaço de estudo em Campina Grande, aconteceram em um mesmo período, correlacionando aos depoimentos dos seis entrevistados e os demais que em base investigativa contribuíram para fundamentação do pensamento conclusivo da procura. Cada um cooperou com relatos de vivência que permitiram a contextualização.

Nessa conjuntura o gráfico 01 interpreta através da idade dos entrevistados, primeiramente apresentando os resultados do estudo realizado a partir da aplicação de um questionário, em seguida um complemento baseado nas informações adquiridas na pesquisa por observação. Foi imprescindível a

colaboração dos entrevistados, visualiza-se o complexo como algo constituinte, formado por elementos heterogêneos, nessa conjuntura as informações do gráfico sobre a faixa etária são relevantes.

**Gráfico 01: Faixa Etária dos entrevistados-2014**

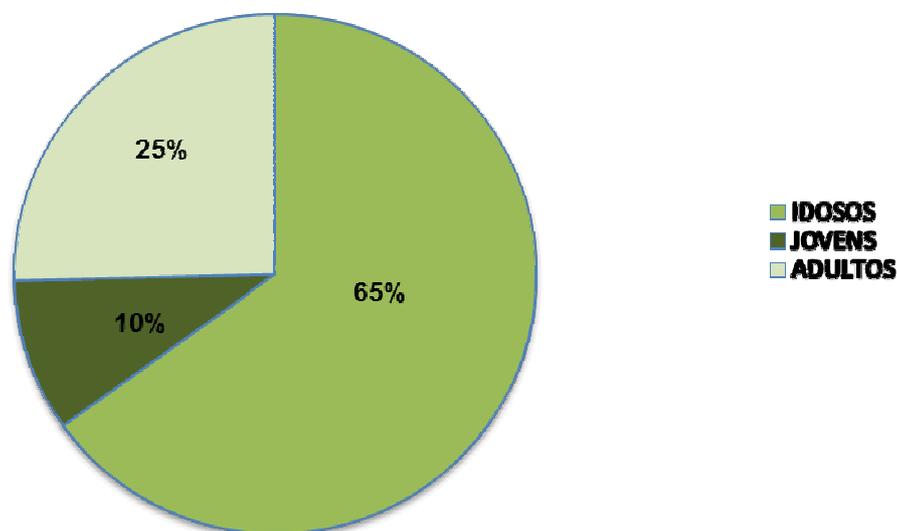


**Fonte: LUCENA, Dhaianny Araújo. Pesquisa de Campo-2014.**

O gráfico 1 exemplifica a pesquisa aplicada com pessoas próximas e que viviam e vivem no ambiente de estudo, com idade entre 20 e 100 anos, cada qual com sua particularidade e visão diferente, todos com concepções históricas em tempo e situações distintas. Com representatividade de 20 a 40 anos dos que foram entrevistados 2,5 % são feirantes, 2,0% moradores e 2,5% consumidores, os de 40 a 65 anos 5,33% são feirantes, 0,33% moradores e 3,33% de consumidores e 65 a 100 a média foi a mesma 3,33% consumidores, 3,33% moradores e 3,33% feirantes, essa faixa etária teve maior representatividade. Pode-se observar que o número maior de entrevista foi realizado com moradores e feirantes em sua maioria idosa.

O gráfico 2 está relacionado ao percentual etário em análise metodológica a partir das relações das pessoas investigadas com explicações e concepções diferentes, para maior esclarecimento, Corrêa (2007) enfatiza as relações entre o espaço e a cultura e que são múltiplas e põem em questão fenômenos que são ao mesmo tempo materiais e imateriais, particulares e universais, coletivos e individuais. Já Castro e Gomes (1995) esclarecem que, essa multipluralidade foi observada, todas com visões diferentes, algumas superficiais, mais todas objetivas.

**Gráfico 02: Percentualidade de funções e informações da Feira da Prata por parte dos entrevistados-2014.**



**Fonte: LUCENA, Dhainny Araújo. Pesquisa de Campo-2014.**

A relação dos investigados com o objeto de estudo mostra que idosos que são maioria com 65%, conhecem mais da história e dá maior importância a feira não apenas porque se transformou em algo mais moderno e de fácil acessibilidade, mais pelo valor cultural e pela representatividade que teve e tem no bairro e na vida das pessoas, é questão de apego e convívio ,já os adultos cerca de 25% são comerciantes em sua maioria que valorizam a feira por ser sua fonte de sustento sem a concepção que os idosos tem, acreditam que ela precisa ser preservada e valorizada, a reforma sem dúvidas contribuiu para essa mudança positiva, os jovens 10% são indiferentes, muitos vão a feira pra acompanhar os pais em raros momentos, e outros vão para ajudar os pais feirantes e comerciantes por obrigação concluindo que para eles não existe essencialidade e que a reforma foi sim positiva, mais sem nenhuma demonstração de importância e maior funcionalidade.

## 5. CONCLUSÃO

O propósito deste artigo foi estudar o emaranhado complexo de apropriações territoriais, contido no contexto histórico do Bairro da Prata, em Campina Grande-PB, com o objetivo de mostrar as funcionalidades e mudanças que ocorreram na Feira da Prata, analisando os fatores de influência externa e interna, com embasamento na fundamentação bibliográfica, na construção teórica metodológica e a investigação pela internet. As pesquisas por observação e por levantamento de dados realizado por meio da aplicação de um questionário formaram a base para o trabalho prático. Foram analisados fatores sociais e ambientais partindo do referencial de que a feira é de extrema importância para economia e os costumes campinense, por ser um espaço público

Nessa circunstância foram percebidas que as mudanças no espaço físico da feira trouxeram alterações sociais e culturais, a modernidade incorporou-se a dualidade e a informalidade que existia de forma acentuada modificando as concepções e a estrutura do ambiente. O novo dimensionou a feira para novas buscas oferecendo os mesmos serviços de venda, ambicionando a formação de um mercado que perde totalmente a característica popular de feira livre, mesmo que ainda em processo observa-se essa nova construção.

Conclui-se que processo de análise focado na mudança espacial da Feira da Prata foi satisfatório, a reforma foi positiva, beneficiou a maioria dos feirantes e temos raras exceções que não gostaram ou não aproveitaram a transformação, novos elementos foram formados, a perda de identidade também é evidenciada, mais a informalidade ainda é característica predominante, os consumidores também se sentem a vontade em frequentar um ambiente novo, limpo e com atendimento já conhecido.

A relação entre movimento espontâneo e os elementos do espaço formam um sistema que é comandado pelo modo de produção dominante nas suas manifestações a escala do espaço em questão, pode-se dizer que o espaço não apenas nessa pesquisa mais em sua essência é um sistema complexo, um sistema de estruturas, submetido em sua evolução a evolução das suas próprias

estruturas. Cada estrutura evolui quando o espaço total evolui, e por sua vez, a evolução de cada estrutura em particular afeta a evolução da totalidade.

Faz-se necessário ressaltar que as novas qualidades da Feira Prata, em Campina Grande, a partir de sua capacidade de ultrapassar fronteiras de dimensões simbólicas não podem ser apenas analisadas de modo geral, mais também o caráter socioeconômico e suas inúmeras particularidades que envolveram e envolvem pessoas que devem ser objetos de atenção, reconhecendo essas particularidades à sua territorialidade, as quais fizeram ganhar características próprias ainda que subordinadas ao significado do que venha a ser uma “feira livre”, em períodos passados e que se estende até nossos dias.

## 6 REFERÊNCIAS

AQUINO, Ítalo de Souza. **Como Escrever Artigos Científicos- sem “arrodeio” e sem medo da ABNT**. 6. Ed. Rev. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2007

CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas** 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

**Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2010)** <http://www.ibge.gov.br>- acesso - 21-10-2014.

MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira. **Prostituição Feminina: Análise Territorial na feira central da cidade de Campina Grande-PB**. Monografia (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Geografia CEDUC - UEPB. Campina Grande PB 2012.

MOMBEIG, Pierre. **Notas sobre Geografia Humana do Nordeste do Brasil**. In: **Novos estudos da geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1957. <http://cheira-los.blogspot.com.br/campina+Grande> - acesso -16-10-2014

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** - 4. ed. reimpresso - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

\_\_\_\_\_, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**, fundamentos históricos e metodológicos da geografia. São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_, Milton. **Da totalidade ao lugar.** 1ª ed. 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Coleção Milton Santos; 7).

\_\_\_\_\_, Milton. **Por uma geografia nova.** 6ª. Ed., 1. reimpr. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (coleção Milton Santos; 2)

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993, p. 269.

SOUZA, Marcelo L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, Iná E; GOMES, Paulo C. C. e CORRÊA, Roberto L. (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS APLICADO PARA MORADORES E CONSUMIDORES

Nome:.....Faixa etária:.....Profissão: .....

Residência:.....Própria ( ) Privada ( ) Comércio ( )

Quanto tempo reside no bairro:.....

- Qual a importância da Feira da Prata para o bairro?
- Você acha que os produtos da feira são de qualidade?
- Em sua opinião o que mudou com a reforma? Foi benéfico?
- Você acha todas as classes sociais usufruem o comércio da Feira?
- Para você como está o funcionamento da feira?
- O que há de novo pra você?

### QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA APLICADO PARA EMPRESÁRIOS

Nome: .....

Profissão:.....

Comércio: ( ) Próprio ( ) Privado

Tempo de Comércio:.....

Tem funcionários ( ) Sim ( ) Não

Qualificação dos funcionários:.....

Nível de escolaridade:

.....

- Qual a faixa etária você se enquadra?
- Qual seu grau de escolaridade?
- Seu comércio iniciou nessa localidade?
- Caso você tenha vindo de outro bairro, o que levou você a se instalar nesse novo local de comércio?
- O desenvolvimento do seu comércio é satisfatório para sua perspectiva?
- A localização de seu comércio influencia para o desenvolvimento do mesmo?
- Quais tipos de serviços seu estabelecimento oferece para a sociedade campinense?
- A que nível social seu comércio atende?